

Paula Morão & Cristina Pimentel (coords.), *A literatura clássica ou os clássicos na literatura. Presenças clássicas nas literaturas de Língua Portuguesa – Volume VI.* Lisboa/Famões, Centro de Estudos Clássicos/Edições Colibri, 2023, 428 pp. [ISBN: 978-989-566-307-1; DOI: <https://doi.org/10.51427/10451/60073>].

O volume em recensão, “o sexto da série em que se reúnem ensaios e testemunhos de autores em torno da pervivência dos clássicos gregos e latinos nas literaturas de língua portuguesa” (p. 7), e cuja coordenação científica se mantém a cargo de Paula Morão e Cristina Pimentel, colige textos apresentados no VI Colóquio Internacional *A Literatura Clássica ou os Clássicos na Literatura*, que teve lugar na Faculdade de Letras de Lisboa, entre os dias 31 de janeiro e 2 de fevereiro de 2022. Os ensaios, submetidos a uma rigorosa avaliação científica, dão conta da presença das matrizes clássicas nas literaturas de língua portuguesa, desde os autores quinhentistas até aos contemporâneos. Conforme enfatizam as coordenadoras científicas do volume no Prefácio, as análises empreendidas colocam em evidência dois aspetos essenciais: por um lado, “a leitura literária ao longo dos séculos, incluindo as leituras no original ou em traduções de obras latinas e gregas na nossa cultura”, a qual vem permitindo a *imitatio* e a citação de textos, temas e mitemas, “de acordo com o estabelecido para as aprendizagens escolares e livres”; por outro, que o amplo corpo de leituras e de práticas “abre para alargadas práticas genológicas, tanto na poesia como nos textos para teatro e na ficção narrativa” (pp. 7-8).

O volume, cuja edição ficou a cargo de Ricardo Nobre, Rui Carlos Fonseca e Joana Veiga, coloca à disposição do leitor não apenas um conjunto de 19 ensaios de notável rigor científico, cuja sequência se subordinou à ordem cronológica dos autores de expressão portuguesa revisitados, mas também os testemunhos de três autores portugueses da atualidade, nos quais são recuperados mitos, temas e motivos da Antiguidade Clássica em que os mesmos ancoram a sua obra, “mostrando como a contemporaneidade implica consciência histórica e leituras de formação que enriquecem o que hoje podemos ler” (p. 7).

Nos primeiros dois ensaios, aborda-se a influência e a receção de matrizes da Antiguidade Clássica em textos para teatro de autores do século XVI. No primeiro, “Anfitrião, hóspede do entremez” (pp. 11-25), José Camões, depois evocar as recriações e referências ao mito de Anfitrião na literatura portuguesa de Quinhentos, reflete sobre a reminiscência do mesmo nos entremezes do século XVII, em particular, no *Entremez do marido conhecido e desconhecido* e no *Entremez do sacristão feito Gil Lourenço*. No ensaio “Pervivência de Séneca

trágico na peça quinhentista *Farsa Penada*” (pp. 27-40), Ricardo Duarte aborda a influência das tragédias senequianas no conteúdo, na construção das personagens e no desenrolar da trama na peça renascentista de autoria desconhecida. A literatura quinhentista surge representada também pelo estudo de Ana Margarida Silva, “Dois tradutores de Horácio no século XVI: Jorge Fernandes e André Falcão de Resende” (pp. 41-57). A A. analisa as traduções da Ode III.24 de Horácio levadas a cabo pelos dois humanistas e que foram produzidas num contexto em que “a tradução de um texto antigo não era vista como um exercício menor”, antes como “uma atividade tão exímia quanto a criação de uma obra original”, na medida em que atualizava a mensagem para um novo contexto e constituía “um exercício de virtuosismo poético” (p. 42).

No que respeita à literatura do século XVII, suscitou o interesse do ensaísta André Simões “um peculiar conjunto de vinte e quatro elegias em língua latina” redigidas por um grupo de jesuítas, em que, a propósito da oferta de *trionfi* feitos de pasta de açúcar, se faz o encómio dos varões da Casa de Bragança, por volta da década de 1620: D. Teodósio II e os filhos D. João, D. Duarte e D. Alexandre (p. 61). Assim, em “Imagens clássicas na poesia do paço ducal de Vila Viçosa (1630)” (pp. 59-80), o A. salienta a associação, que decorre de uma intenção encomiástica, dos dedicatários dos poemas a figuras do poder do mundo clássico, como Alexandre, César, Minos, Ciro, Numa, Licurgo, Crespo e Latino. Por sua vez, Rui Carlos Fonseca, no ensaio ““porque as notórias Antiguidades são bases de histórias” – A tradição épica antiga no *Viriato Trágico* de Brás Garcia de Mascarenhas” (pp. 81-101), examina os contornos épicos do retrato literário do herói lusitano no poema épico composto no rescaldo da Restauração da Independência de 1640, como símbolo da resistência portuguesa contra a ocupação estrangeira e o grande restaurador da pátria e da liberdade.

O século XVIII surge representado pelo estudo “Os clássicos no poema heroico *Henriqueida* (1741) de D. Francisco Xavier de Meneses, com alusões inevitáveis ao Ciclope Camões” (pp. 103-130), no qual Gil Clemente Teixeira investiga a presença e a apropriação de autores, textos, temas e mitos gregos e latinos no poema épico setecentista composto pelo 4.º Conde de Ericeira e que tem por herói principal o conde D. Henrique.

Os dois ensaios seguintes versam a influência dos clássicos gregos e latinos na obra camiliana. O estudo de José Cândido de Oliveira Martins, “Para uma *gramática* do intertexto clássico na ficção camiliana: variedade, forma e função” (pp. 131-155), constitui uma aturada reflexão sobre o evidente, matizado e intenso diálogo do autor de Oitocentos com o universo das línguas e literaturas da tradição clássica, bem como sobre “a funcionalidade plural

desse intertexto clássico na composição e estrutura dos textos narrativos camilianos.” (p. 148). Já em “Camilo e os Clássicos: mais um casamento feliz” (pp. 157-175), Ana Paula Pinto empreende uma leitura simbólica de “citações e ecos clássicos greco-romanos, quer míticos, quer literários, quer históricos” (p. 159) na série ficcional *Doze Casamentos Felizes*, coleção de narrativas cuja unidade temática reside “no inusitado tópico da felicidade conjugal” (p. 158).

No atinente ao século XX e começos do presente século, são vários os ensaios sobre a recuperação de *topoi*, mitos e recursos de composição herdados da Antiguidade Clássica nas literaturas portuguesa e brasileira. Em ““Todos os caminhos levam a Roma”: a presença da Antiguidade Clássica em *A Casa Grande de Romarigães*” (pp. 177-199), Maria José Ferreira Lopes perlustra as várias tipologias de recursos ligados à herança clássica usados na saga familiar e histórica de Aquilino Ribeiro – desde o uso do latim às alusões mitológicas, culturais e históricas –, enfatizando o modo como o escritor “integrou e aproveitou esse património na construção do seu universo ficcional” (p. 198). No ensaio “As descendentes da *meretrix* em duas peças de Natália Correia” (pp. 201-212), Robin Driver propõe-se pensar a figura da prostituta na obra dramática da escritora açoriana, em particular, nas peças *A Pécora* e *O Encoberto*, “à luz da personagem-tipo da *meretrix* na comédia romana”. (p. 202). Por sua vez, Rita Patrício, no estudo “Os cavalos de Tróia de António Osório” (pp. 213-232), oferece-nos uma leitura do conjunto de poemas *A matéria volátil*, uma das partes de *A ignorância da morte* (1978). Partindo do exemplo do herói grego Ulisses enquanto “modo de enfrentar os mortos amados”, a ensaísta perscruta nesse *corpus* as “astúcias” envolvidas na peregrinação do sujeito poético “à morte de dois amores obstinados, pai e mãe” (p. 213). Em “O Dom da Metamorfose: A Presença de Ovídio na Poesia de António Franco Alexandre” (pp. 233-247), Ricardo Gil Soeiro propõe-se “compulsar uma tal arte metamórfica, equacionando, em particular, a obra *Aracne* (2004) e o modo fecundo como a presença tutelar de Ovídio se faz sentir na obra poética.” (p. 233). Patrícia Soares Martins, em “O tempo do Luto e da História na poesia de R. Lino” (pp. 249-259), chama a atenção do leitor para os ecos da figura do imperador romano e do *topos* literário associado a essa personagem no longo poema dramático *Palavras do Imperador Hadriano*, da autoria de R. Lino, publicado por vez primeira em 1984. José Ribeiro Ferreira debruça-se sobre “A receção da Antiguidade clássica nos últimos livros de Paulo Teixeira, em especial em *Orbe*” (pp. 261-285), propondo-se tratar aspetos da vivência e apropriação de dados greco-romanos mitológicos, históricos, arqueológicos e artísticos na obra do poeta publicada desde *Túmulos de heróis antigos* (1999)

até à atualidade. Com o ensaio “*Os Lusíadas e Uma Viagem à Índia: A ficção na construção de uma identidade coletiva*” (pp. 287-308), Isabel Garcez convida-nos a refletir sobre o diálogo do poema de Gonçalo M. Tavares, publicado em 2010, com a obra canónica de Camões, ao mimetizar a sua forma e parodiar grande parte do seu conteúdo, “por causa do significado que *Os Lusíadas* têm na construção da identidade coletiva portuguesa, para o questionar e para abrir uma nova possibilidade: Portugal enquanto parte integrante da Europa, a Europa enquanto identidade em construção, de novo.” (p. 290). Por sua vez, Mónica López Bages, em “Vigência da tragédia grega nos séculos XX e XXI: *Antígona*, de Salvador Espriu, e *Os Velhos Também Querem Viver*, de Gonçalo M. Tavares” (pp. 309-335), diseca comparativamente o modo como os dois escritores do século XX, o primeiro, catalão, o segundo, português, recuperam a tragédia grega, escrevendo as suas tragédias a partir da reconstrução dos mitos gregos de Antígona e de Alceste, respetivamente, influenciados pelo “estouro de dois conflitos bélicos fratricidas de grande alcance, a Guerra Civil Espanhola (1936-1939) e a Guerra da Bósnia, seguida do cerco de Sarajevo (1992-1996)” (pp. 309). Já Carlos Gontijo Rosa, no ensaio “Usos e desuso da mitologia grega na literatura contemporânea: o estatuto mítico do cérebro de Patrícia Portela” (pp. 337-357), esmiúça os diversos mitos gregos que se entrecruzam no romance *Odília ou a história das musas confusas do cérebro de Patrícia Portela*, com o objetivo de “compreender as múltiplas formas de aproximação da autora ao universo clássico” (p. 344). No estudo “O *kairos* de *Sessenta minutos* de Christina Ramalho” (pp. 359-386), Ana Rita Figueira debruça-se sobre os contornos da “reconfiguração múltipla” da palavra grega *kairos*, propondo-se observar ocorrências do vocábulo “na moldura das inquietações estéticas (*aisthetikai*) estruturantes do poema” da escritora brasileira (p. 359). Encerra o conjunto de estudos que compõem o volume o “ensaio panorâmico” de Paulo Alexandre Pereira (p. 7) – “Raptos: Ganimedes em alguma poesia portuguesa contemporânea” (pp. 387-407) –, que se ocupa “da movência literária da fábula mitológica de Ganimedes” na lírica portuguesa contemporânea. Perlustrando a produção poética de Jorge de Sena, Joaquim Manuel Magalhães, José António Almeida e João Miguel Fernandes Jorge, o A. propõe-se demonstrar que “não é apenas um, mas são diversos os raptos de Ganimedes na poesia portuguesa contemporânea.” (p. 393).

Seguem-se os Testemunhos de três talentosos poetas portugueses da atualidade, herdeiros assumidos da Antiguidade Clássica. João Moita, em “O Trágico – Sacrifício sem Recompensa” (pp. 411-415), recorda o seu primeiro contacto com a literatura e a cultura da Antiguidade Clássica, através da leitura

de uma tradução da tragédia sofocliana *O Rei Édipo* e, logo depois, de *O Mito de Sísifo*, de Albert Camus, reconhecendo que a “influência da mundividência grega” nos seus poemas se traduz na vontade de “reclamar uma vivência mais trágica, mais grega, para o [seu] fundo judaico-cristão, confrontando o deus do perdão com a recusa do perdão” e, “em nome do desespero, assumir tragicamente o fardo da perdição.” (p. 414).

Igualmente de “um primeiro encantamento” pela literatura clássica nos dá conta o testemunho de Luís Filipe Castro Mendes. Em “Os clássicos na minha poesia” (pp. 417-420), ao evocar “a leitura, quando muito jovem, da ode de Leucónoe de Horácio, na belíssima tradução de David Mourão Ferreira”, o poeta admite que a impressão deixada em si da sua leitura juvenil “foi funda e ficou arreigada” (p. 417). Ademais, não obstante reconhecer a citação ou a incorporação de autores como Séneca ou Marcial nos seus poemas, considera que a referência clássica mais recorrente na sua poesia é a *Odisseia* de Homero. Diplomata de profissão, assume que a errância de Ulisses é glosada “como metáfora desta dialética de estranhamento e pertença” de que a sua vida foi feita e, mais do que isso, “é o próprio signo da poesia: um processo de estranhamento de identidades.” (pp. 418-419).

Por fim, com o testemunho “Os meus clássicos (enfim, alguns deles) – memória, homenagens, paradoxos” (pp. 421-428), reconhece Pedro Eiras que todos os seus textos “partem de outros textos, mais antigos” e que nunca escreveu “uma página, qualquer que seja, sem ter presente outra voz, uma mão anterior, o eco de uma escrita que pode distar meses ou anos, séculos ou milénios” (p. 421). Na impossibilidade de visitar todos os lugares da sua obra em que ecoam mitos e autores da Antiguidade Clássica, afirma o A. preferir deixar aos leitores as suas próprias leituras, “o desafio de uma hermenêutica que [preparou] minuciosamente” (p. 425).

Em conclusão, congratulamo-nos com a publicação desta impressionante coletânea de ensaios e testemunhos, que resultam de uma ampla e aturada reflexão sobre a receção da Antiguidade Clássica, na convicção de que promoverá novos estudos em torno da revisitação de temas, figuras e mitos clássicos greco-latinos em literaturas de expressão portuguesa.

Emília M. da Rocha Oliveira

emilia.oliveira@ua.pt

ORCID: 0000-0002-8433-9129

DOI: doi.org/10.34624/agora.v0i26.38176